

FRANCISCA JULIA E A INSERÇÃO DA MULHER NO CAMPO LITERÁRIO: UM INTERMÉDIO ENTRE O PARNASIANISMO E O SIMBOLISMO

FRANCISCA JULIA AND THE INCLUSION OF WOMEN IN LITERARY FIELD: AN INTERMEDIARY BETWEEN THE PARNASSIAN AND THE SYMBOLISM

Silvio Profirio da Silva¹
Aline Adriana da Silva²
Edna Carla Lima da Silva³
Salette Paiva da Silva⁴

RESUMO: Durante muito tempo, a produção literária foi algo restrito ao universo masculino. Assim, a mulher tinha sua voz silenciada. Contudo, nesse campo, marcado pela presença masculina, eclode a atuação da mulher. Este trabalho objetiva abordar os subsídios de Francisca Julia para a inserção da mulher no âmbito da composição do texto literário. Pretende-se, também: a) abordar suas características temático-estilísticas como um intermédio entre o Parnasianismo e o Simbolismo; b) abordar a condição de esquecimento a que foi alçada essa autora.

Palavras-chave: inserção; mulher; escrita; dualidade; esquecimento.

ABSTRACT: For a long time, the literary production was something restricted to the male universe. So, the woman had her voice silenced. However, this field marked by the presence of men, breaks out the work of women. This study aims to address the subsidies of Francisca Julia for the inclusion of women in the composition of the literary text. The intention is also: a) address the matic-stylistic characteristics as an intermediary between the symbolism and the Parnassian; b) address the condition of oblivion to which this author was raised.

Keywords: insert; woman; writing; duality; oblivion.

¹ Aluno do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Foi, por três anos, bolsista do Programa Conexões de Saberes da UFRPE: diálogos entre a universidade e comunidades populares, em articulação com o Programa Escola Aberta em Pernambuco - PEA/PE. E-mail: silvio_profirio@yahoo.com.br

² Aluna do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Foi, por um ano, bolsista do Programa Conexões de Saberes da UFRPE: diálogos entre a universidade e comunidades populares, em articulação com o Programa Escola Aberta em Pernambuco - PEA/PE. E-mail: line_adri@hotmail.com

³ Aluna do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/UFRPE - LETRAS. E-mail: ednacarla23@gmail.com

⁴ Aluna do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. E-mail: salete.paiva@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a produção literária foi algo restrito ao universo masculino. Com isso, a mulher tinha sua voz silenciada em um cenário caracterizado, exclusivamente, pela supremacia masculina. Em geral, os únicos papéis e funções sociais atribuídos à mulher, ainda que letrada, eram o de esposa, de mãe e de doméstica do lar, submetendo-se, assim, à preponderância masculina. O que reflete as condições sociais e históricas nas quais se encontravam as mulheres nesse período. Contudo, em um campo marcado, predominantemente, pela presença masculina, eclode a atuação da mulher no âmbito da escrita, mais especificamente, na composição do texto literário. Esse é o contexto no qual surge a produção literária de Francisca Julia da Silva.

À luz das contribuições teóricas de Andrade (1987), Bosi (1984), Côelho *et al.* (2008), Coelho (2010), Leandro e Joaquinho (2006), Moisés (1969), Ramos (2011), Romero (1943), Veríssimo (1915), entre outros, este trabalho tem por objetivo abordar os subsídios de Francisca Julia da Silva para a inserção da figura feminina na composição do texto literário e, por conseguinte, no âmbito literário. Decorrente deste, pretende-se:

- Abordar características temático-estilísticas de sua obra em uma perspectiva de intermédio entre a Escola Parnasiana e a Simbolista;
- Refletir acerca do fato de essa autora não ser abordada pela maior parte dos Livros Didáticos de Literatura. Ou, então, ser retratada como autor minoritário, na medida em que a abordagem do seu legado cultural limita-se a pequenos comentários e a tópicos na parte do capítulos que menciona *Outros Autores* da Escola Parnasiana.

A INSERÇÃO DA FIGURA FEMININA NO ÂMBITO LITERÁRIO E A ALTERAÇÃO NO PAPEL SOCIAL DA MULHER

Da preponderância masculina ao espaço da figura feminina na escrita literária. Esse percurso reflete o movimento, ou melhor, o salto na evolução da trajetória da função social da mulher, mesmo que inicial. Sabe-se que, durante muito tempo, a escrita literária foi algo dominado, predominantemente, pela figura masculina. Em face dos ideais/ da ideologia de uma época, a mulher tinha sua voz silenciada e, por conseguinte, tinha sua participação, no âmbito literário, extinta. Tal situação não só evidencia as condições sócio-históricas da mulher nessa época, mas, em especial, demonstra os critérios não-linguísticos que estabeleciam os padrões de normalidade no ramo da escrita. A mulher, desse modo, tinha sua voz e participação erradicadas do universo literário em virtude de aspectos que transcendem o âmbito linguístico, inserindo, assim, as questões de gênero na composição literária.

Em contraposição a essa postura de segregação social da mulher, eclode outra de inclusão, embora mínima nessa época. Eclode, dessa maneira, a obra da autora Francisca Julia da Silva, um dos primeiros nomes femininos inclusos no ramo da

escrita literária. Apesar de seu quantitativo de obras ser considerado pequeno, seu legado consegue dar conta de refletir não só sua contribuição para a evolução da trajetória literária e cultural do Brasil, mas também faz um convite à reflexão acerca das condições a que estava submetida a mulher nessa época, em decorrência da conjuntura social que alçava a figura feminina à condição de objeto de submissão. Diante dessa perspectiva, a obra de Francisca Julia traz uma reflexão acerca da inserção e da participação da mulher no contexto da escrita literária.

Coelho (2010) ressalta o fato de essa autora, em sua eclosão na produção literária, foi desacreditada em virtude de sua condição feminina. Para isso, Coelho (2010) cita Constantino (1941, p. 2) que afirma que o surgimento de uma mulher no campo literário ocasionou muita polêmica. Motivo este que fez com que muitos acreditassem que um autor estaria se utilizando de um pseudônimo, Francisca Julia, para difundir seus textos. O que está em sintonia com Coelho *et al.* (2008, p.5), que diz que “o estético da forma e chegou a ser atribuído a vários outros poetas até que se descobrisse que Francisca Julia não se tratava de um pseudônimo”. Nessa direção, percebe-se que a mulher era desacreditada, ou seja, a figura feminina não teria capacidade de compor um texto literário de tamanha magnitude.

Francisca Júlia assustava os líderes do intelectualismo brasileiro [...]. Como admitir, pois, a audácia da mulher que criava obras primas, conquistando, por isso mesmo, o título de maior expressão no parnasianismo? Combateram-na em vão. O bom senso reagiu. Vergonha, pretender anular os méritos de quem, na arte da forma, ombreava com Raimundo, com Alberto e com Bilac. [...] (CONSTANTINO, 1941, p. 2 *apud* COELHO 2010, p. 9).

Tinha-se, assim, uma produção literária que preconizava uma predominância masculina nesse âmbito, o que, por sua vez, excluía a inserção da mulher na construção/ produção literária. É nesse sentido que, Francisca Julia da Silva, enquanto uma das primeiras autoras [nomes femininos brasileiros] inclusos na escrita literária, põe em xeque essa perspectiva, tradicionalmente, excludente e de segregação a que era submetida a mulher. O que, por sua vez, abre espaço para a mulher nesse âmbito, ainda que mínimo inicialmente.

FRANCISCA JULIA: A DUALIDADE ENTRE O PARNASIANISMO E O SIMBOLISMO

Sabe-se que os pressupostos teóricos das mais diversas correntes literárias refletem-se na escrita do autor durante o decorrer da composição do texto literário. Dentro dessa perspectiva, seus textos reproduzem os ideais das vertentes nas quais estão inclusos, expressando-os tematicamente e estilisticamente na superfície do texto. Arelado a isso, durante muito tempo, acreditou-se que, na composição do texto literário, o autor se utiliza dos pressupostos teóricos e das características temático-estilísticas de uma escola apenas.

Com base nessa visão, a articulação, ou melhor, a junção de aspectos de vertentes literárias distintas não ocorre e, acima de tudo, não se materializa nos signos expostos na superfície textual. Porém, ao longo da trajetória histórico-social da Literatura Brasileira, alguns autores põem em xeque essa perspectiva, mostrando a junção de aspectos e fatores de escolas que, em geral, são mostradas como opostas pode ocorrer. Um exemplo que ilustra/ reflete essa nova perspectiva de composição do texto literário é Francisca Julia da Silva que comunga de traços estilísticos e temáticos das Escolas Parnasiana e Simbolista. Partindo desse pressuposto, optou-se, inicialmente, por apresentar uma síntese das características de cada uma dessas escolas e, após isso, perceber como elas se refletem/materializam nas escritas de Francisca Julia da Silva.

O Parnasianismo se volta para a Impessoalidade, isto é, a neutralidade do autor em face da realidade, não interferindo, assim, no tratamento dados aos fatos. Dentro dessa perspectiva, o autor do texto literário deve lançar mão da neutralidade diante da realidade, em detrimento dos seus sentimentos. Nessa ótica, essa escola se contrapõe ao subjetivismo proveniente do Romantismo. Esse aspecto reflete um fato comum a maior parte das escolas literárias, isto é, o fato de se opor veemente à escola anterior, buscando, assim, ideais de fundamentação em vertentes anteriores a que se opõe. Outra característica temática do texto Parnasiano diz respeito à super valorização do esteticismo [estética] e uma intensa busca pela perfeição, centrando-se, preponderantemente, na forma. Esta, por sua vez, pode ser definida como a maneira como o texto se estrutura e se organiza na superfície textual, ou seja, os fatores internos do texto literário. Nessa perspectiva, os autores dessa corrente literária voltam sua atenção e seu olhar para a construção estrutural do texto literário, voltando-se, predominantemente, para a busca intensa pela perfeição formal. Norteados por essa perspectiva, eles “instauram o materialismo da forma, o artesanato do verso. A palavra é trabalhada como matéria-prima que deve ser lapidada, burilada e cinzelada” (ANDRADE, 1987, p. 108).

Ao preconizar versos presos a estruturas formais e objetivas, que não davam vazão ao sentimento, à emoção e, sobretudo, ao engajamento social, que “negavam” ardentemente. Por essas razões essa poesia é vista como uma poesia objetiva, impessoal e contida. (ALARINI, 2009, p. 957).

Desataca-se, ainda, a perspectiva que esses autores adotam de utilizar, no enfoque dado ao texto, as descrições de cenas e, sobretudo, de objetos, tais como, quadros, obras arquitetônicas, vasos etc.. Tinha-se, desse modo, uma “poesia descritiva, plástica e visual” (ANDRADE, 1987, p. 108), que concedia primazia ao cromatismo [a forma como ela joga com as cores] e, sobretudo, no que tange às cenas que retratam aspectos e fatores concernentes à natureza, conforme ressalta Andrade (1987).

Conforme dito anteriormente, uma peculiaridade comum a maior parte das correntes e escolas literárias refere-se ao ato de se opor ao estilo anterior, por inter-

médio de seus pressupostos, características e tratamentos dado ao texto. Além disso, ao realizar esse ato, tais escolas buscam suas bases de fundamentação em correntes literárias anteriores às que se contrapõem. Dentro desse contexto, o Simbolismo se volta para o subjetivismo desprezado pelos Parnasianos, valorizando, assim, o “eu” e, acima de tudo, aderindo à ideologia da Vertente Romântica [combatida com grande empenho pelos Parnasianos]. Dito de outra forma, em virtude da oposição ao Romantismo, a Vertente Parnasiana adere a alguns dos ideais e aos pressupostos do Arcadismo, que preconizava a escrita do texto literário tendo como base de fundamentação modelos pré-estabelecidos, isto é, um objeto de arte normativo, especificando, assim, como deveria ocorrer a composição de cada gênero. Daí provém a questão da constante busca pela perfeição formal a que se dedicavam veemente os Parnasianos. Os Românticos, na busca pela originalidade e pela construção de uma nova forma de escrita [objetivo de criar algo novo], põem em xeque essas normas, contrapondo-se, assim, ao Arcadismo. Daí advém um dos fatores causadores do embate entre a Escola Romântica e a Simbolista, ou seja, o fato de recorrer a outros modelos e perspectivas postos anteriormente anteriores.

Ainda no tocante ao Simbolismo, essa escola literária valoriza os aspectos interiores do homem, isto é, sua essência. Nesse contexto, é comum nessas obras a abordagem de aspectos relativos ao corpo, ao espírito e à alma, o que reflete uma perspectiva de cunho/ teor psicológico. Desataca-se, ainda, o fato de os autores dessa escola lançarem mão de uma linguagem musical, ou melhor, uma linguagem que articula os signos expostos na superfície textual à musicalidade. Para tanto, o autor se utiliza de diversas estratégias e recursos linguísticos, tais como, a aliteração e a assonância, transcendendo, assim, a limitação às rimas e, sobretudo, à forma, valorizando, assim, os aspectos sonoros da linguagem escrita.

Contudo, há autores que possuem características de duas escolas literárias contemporâneas entre si, articulando, assim, seus pressupostos que, até então, se contrapunham. Um exemplo que pode ilustrar essa questão é Francisca Julia que lança mão, em seus textos, de características temático-estilísticas tanto do Parnasianismo como do Simbolismo, refletindo, assim, um intermédio entre essas duas vertentes literárias. O que está em consonância com Coêlho *et al.* (2008, p. 5), que diz que “a obra de Francisca Julia da Silva Munster (1874-1920) situa-se no período de convívio entre o Parnasianismo e o Simbolismo”.

ENTRE O PARNASIANISMO E O SIMBOLISMO: OS ASPECTOS TEMÁTICO-ESTILÍSTICOS E OS TRAÇOS DA DUALIDADE

Francisca Julia é considerada por muitos teóricos o adepto mais fiel da Escola Parnasiana pelo fato de seguir os ideais e pressupostos dessa escola, sobretudo, no que concerne à impassibilidade. Em outras palavras, a neutralidade do autor diante da realidade circundante, o que possibilita a não inclusão, a não participação e o distanciamento do autor no tratamento dado aos fatos. Nessa ótica, o tratamento

dado à realidade se dá sem a interferência dos aspectos interiores do autor. Em função disso e em virtude do soneto "**Musa Impassível**", essa autora recebeu o título de "A musa Impassível".

A obra de Francisca Julia da Silva Munster (1874-1920) situa-se no período de convívio entre o Parnasianismo e o Simbolismo. Seu primeiro livro intitulado *Mármore*s vem a público em 1895 e é recebido com entusiasmo pelos literatos da época. Tendo sua poética alcançado o mais alto grau de perfeição formal – ideal supremo da escola parnasiana. (COELHO *et al.*, 2008, p. 5).

Outro aspecto comum nas obras de Francisca Julia [aspecto proveniente da estética parnasiana] refere-se ao descritivismo, fazendo com que o leitor, durante a leitura do texto literário, realize um movimento que remete às imagens mentais e visuais retratadas pelos signos distribuídos ao longo do texto. O que vai ao encontro de Coelho *et al.* (2008, p. 8), que diz que “a autora utiliza as palavras com uma maestria hipnotizante que evidencia o poder de encantar e suggestionar o leitor por meio da criação de imagens e pensamentos pela “simples” descrição das cenas retratadas no poema”. Mas, destaca-se, sobretudo, a busca incessante pela forma. Dito de outra maneira, a forma como o texto literário se configura e se apresenta na superfície textual. Assim, a autora, em função dos pressupostos do Estilo Parnasiano, volta seu olhar para a construção estrutural do texto literário. Por essa razão, seus versos são considerados por muitos como perfeitos [os mais perfeitos da Língua Portuguesa]. São exemplos de autores que ilustram esse reconhecimento à composição literária dessa autora, Olavo Bilac.

CARACTERÍSTICAS TEMÁTICO-ESTILÍSTICAS DO PARNASIANISMO

Consoante Andrade (1987, p. 108), “o Parnasianismo é a negação da poesia sentimental e confessional dos românticos”. Com isso, essa escola literária volta-se, predominantemente, para a impassibilidade [a não inclusão do autor, dos seus aspectos emocionais e internos na abordagem da realidade] e, sobretudo, para a erradicação/ extinção do lirismo. Essa nova perspectiva pode ser percebida no texto abaixo, por meio do qual a autora consegue refletir perfeitamente os ideais e pressupostos parnasianos. Para realizar tal faceta, ela focaliza veemente a questão da impassibilidade, a partir da erradicação do lirismo, do envolvimento do autor na abordagem/ no tratamento dados aos fatos e do descritivismo [a maneira impressionante como ela trabalha as cores e, simultaneamente, descreve os aspectos da natureza, remetendo o leitor aos fatores visuais. Percebe-se, ainda, traços da Mitologia Grega.

MUSA IMPASSÍVEL II

Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao lábio e as lágrimas estanca!
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,

Por esse grande espaço onde o Impassível mora.
Leva-me longe, ó Musa impassível e branca!
Longe, acima do mundo, imensidade em fora,
Onde, chamas lançando ao cortejo da aurora,
O áureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.
Transporta-me, de vez, numa ascensão ardente,
À deliciosa paz dos Olímpicos-Lares,
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,
E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo,
Passarem, através das brumas seculares,
Os Poetas e os Heróis do grande mundo antigo

Ainda tendo como base de fundamentação teórica os pressupostos de Andrade (1987, p. 108), diz-se que “O Parnasianismo foi a recuperação dos ideais classicismo: representou um retorno aos temas e formas da poesia Greco-romana”. Por esse motivo, é comum nas obras dessa escola o espaço dado às figuras da Mitologia Grega, conforme ocorre no texto abaixo:

DANÇA DE CENTAURAS

Patas dianteiras no ar, bocas livres dos freios,
Nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças,
Ei-las, garbosas vêm, na evolução das danças
Rudes, pompeando à luz a brancura dos seios.
A noite escuta, fulge o luar, gemem as franças;
Mil centauras a rir, em lutas e torneios,
Galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
De ar, o cabelo solto ao léu das auras mansas.
Empalidece o luar, a noite cai, madruga...
A dança hípica pára e logo atoa o espaço
O galope infernal das centauras em fuga:
É que, longe, ao clarão do luar que empalidece,
Enorme, aceso o olhar, bravo, do heróico braço
Pendente a clava argiva, Hércules aparece...

Nessa ótica, percebe-se, nesse texto, traços da presença de aspectos mitológicos e históricos, o que vai ao encontro dos pressupostos da Escola Parnasiana [por conseguinte, dos modelos arca distas]. Nos textos dessa escola, são típicas a abordagem de figuras mitológicas. O que está em consonância com Christo (2005), que afirma que,

De acordo com a escola literária a que pertenceu – o Parnasianismo, Francisca Julia não só valoriza concepções clássicas tradicionais referentes à forma (metro, rima e ritmo), como também, resgata os temas mitológicos, uma vez que faz uma

descrição nítida da imagem das centauros: ora as descreve feroces e guerreiras ora esbeltas, atraentes e livres, enfatizando a dualidade representada por este ser mítico.

Em *Os Argonautas*, percebe-se a abordagem de aspectos externos, em detrimento de fatores internos. Para tanto, a autora, em seus versos, lança mão de falas que articulam cor, aspectos terrestres [relevo] e movimento. Tal postura evidencia não só a questão da impassibilidade [a não inclusão e não envolvimento do autor no tratamento dados aos fatos e à realidade], como também reflete a tendência dos parnasianos de descrever cenas, lançando mão da descrição por meio de aspectos sensoriais e visuais. Dito de outra forma, o jogo de palavras que a autora se utiliza faz com que o leitor, durante o ato da leitura, o remeta às imagens descritas, valorizando, assim, a visão e a sensação.

OS ARGONAUTAS

Mar fora, ei-los que vão, cheios de ardor insano;
Os astros e o luar — amigas sentinelas —
Lançam bênçãos de cima às largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.
Ei-los que vão buscar noutras paragens belas
Infundos cabedais de algum tesouro arcano...
E o vento austral que passa, em cóleras, ufano,
Faz palpitar o bojo às retesadas velas.
Novos céus querem ver, miríficas belezas,
Querem também possuir tesouros e riquezas
Como essas naus, que têm galhardetes e mastros...
Ateiam-lhes a febre essas minas supostas...
E, olhos fitos no vácuo, imploram, de mãos postas,
A áurea bênção dos céus e a proteção dos astros...

CARACTERÍSTICAS TEMÁTICO-ESTILÍSTICAS DO SIMBOLISMO

Todavia, tal autora não se restringe ao Parnasianismo, articulando, assim, características temático-literárias da Parnasianismo e do Simbolismo simultaneamente. Isto é, a autora em tela lança mão de uma dualidade, pertencendo a uma corrente literária [Parnasianismo], mas também compartilha de pressupostos temáticos e estilísticos de ou vertente que, até então, se contrapunham. Na visão de Coêlho *et al.* (2008), o Simbolismo possui uma relação de articulação com o Romantismo, na medida em que ambas se voltam para a subjetividade e para o sentir. Contudo, o subjetivismo da Corrente Simbolista não está diretamente ligado aos aspectos emocionais, mas ao subconsciente. O que é reforçado por Moisés (1969, p. 32 *apud* Coêlho, 2008, p. 3), que diz que “na verdade, o Simbolismo apenas prolongou e enriqueceu a herança romântica que a intelectualidade realista pretendeu postergar.”

Surge, agora, uma perspectiva pautada na junção de fatores que articula linguagem e pensamento, mais especificamente, a linguagem enquanto recurso de expressão dos aspectos relativos à mente humana. O que está em sintonia com Cêlho *et al.* (2008, p. 4), “busca-se uma linguagem capaz de expressar estados psicológicos mais profundos”.

Lançaram-se no encaço de uma nova linguagem fundamentada numa gramática psicológica, numa sintaxe psicológica, e nu léxico adequado à expressão das novidades estéticas, pela recorrência a neologismos, inesperadas combinações vocabulares, emprego de arcaísmos e ainda de recursos gráficos de vária ordem (uso das maiúsculas, das cores na impressão de poemas ou de partes de livros, do y em lugar do i, etc.). (MOISÉS, 1969, p. 35 *apud* CÔELHO, 2008, p. 5).

Partindo desse pressuposto, percebe-se que o Simbolismo ocasiona uma mudança de paradigma, isto é, uma mudança de postura, uma vez que deixa de focar, predominantemente, na forma e prima pela questões psicológicas e existenciais. Para isso, os Simbolista lançam mão de diversas estratégias linguísticas, que englobam desde o jogo de palavras até o uso de signos linguísticos que remetem a pensamentos e a cenas. Ainda sob o respaldo das contribuições teóricas de Cêlho *et al.* (2008), essa corrente, em alguns casos, se utiliza de um vocabulário abstrato, o que reduz a significação literal de uma determinada palavra em um dado contexto e, por conseguinte, remete o leitor a aspectos visuais e sensoriais imprecisos (CÔELHO *et al.*, 2008). Em outras palavras, uma linguagem que nem sempre fala de forma clara, mas que leva o leitor a pensar e a refletir acerca do que é dito. Contudo, essa adesão aos pressupostos do Simbolismo não se limita às questões referentes à estilística da composição do texto literário, mas também abrange à questão temática. Diante dessa perspectiva, será comum nas obras [que se voltam para a tendência Simbolista] de Francisca Julia a abordagem de temáticas, como: Aspectos internos e mentais da espécie humana, Alma, Corpo [sobretudo o confronto e dicotomia entre esses dois últimos fatores], Moral [aspectos moralizantes], morte, sonoridade etc., conforme sinaliza Andrade (1987). Algumas dessas características podem ser percebidas/ vistas no texto abaixo:

À SANTA TEREZA

Reza de manso... Toda de roxo,
A vista no teto presa,
Como que imita a tristeza
Daquele círio tremulo e frouxo...

E assim, mostrando todo o desgosto
Que sobre sua alma pesa,
Ela reza, reza, reza,
As mãos erguidas, pálido o rosto...

O rosto pálido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo...
Parece estar no Outro-Mundo
De outros mistérios e de outras vidas.

Implora a Cristo, seu Casto Esposo,
Numa prece ou num transporte,
O termo final da Morte,
Para descanso, para repouso...
[...]

Reza de manso, reza de manso,
Implorando ao Casto Esposo
A morte, para repouso,
Para sossego, para descanso

D'alma e do corpo que se consomem,
Num desânimo profundo,
Ante as misérias do Mundo,
Ante as misérias tão baixas do Homem !

Quanta tristeza, quanto desgosto,
Mostra na alma aberta e franca,
Quando fica, branca, branca,
As mãos erguidas, pálido o rosto...

O rosto pálido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo,
Parece estar no Outro-Mundo
De outros mistérios e de outras vidas...

Nesse texto, percebe-se que a autora volta-se para uma perspectiva de cunho/teor místico e sobrenatural [vida após a morte]. Com base nesse enfoque dado ao texto literário, ela retrata a crise de existência e a reflexão humana diante da morte [mais especificamente, a “impotência diante da morte” (CÔELHO *et al.*, 2008, p. 6), os estados mentais e os sentimentos que permeiam o consciente humano neste momento que é a passagem para o outro mundo [como é o caso da tristeza e do desgosto], a oposição entre o corpo e a alma. Diante dessa acepção, percebe-se uma forte perspectiva psicológica. Para realizar tal faceta, ela lança mão de uma linguagem que articula os signos e o pensamento, com o propósito de remeter à cena exposta no corpo do texto [aspectos e sensações visuais]. Com isso, “Francisca Julia supera a descrição objetiva parnasiana da morte, já que a delinea pelo viés do irracional, do

simbólico e do subconsciente humano” (COÊLHO *et al.*, 2008, p. 8). Todavia, não se pode deixar de destacar que, em diversos casos, a autora lança mão de jogos de palavra a fim de levar o leitor a refletir acerca do que é dito. Isto é, nem sempre sua linguagem é clara e direta, o que leva o leitor a compreender/ perceber de imediato aquilo que é expresso em seu dizer.

Um outro aspecto que não poderia deixar de ser destacado neste texto diz respeito ao fato de essa autora ter produzido uma obra voltada para o público infantil, o *Livro da Infância* [contos e versos] e *Alma Infantil*. A primeira obra foi adotada pelo Governo do Estado de São Paulo para ser utilizada no universo escolar. No entanto, ambas conseguem obter grande destaque nas escolas do Estado de São Paulo. O que reflete os subsídios dessa autora para a produção literária voltada para público infantil, ou também, Literatura Infantil. Aspecto este que não era muito comum na época.

Diante dos aspectos expostos até o presente momento, percebe-se que Francisca Julia se volta para a *Versatilidade*. Essa é a palavra que pode definir, ilustrar e refletir o conjunto de obras dessa autora. Ela articula duas formas distintas de escrita e de composição do texto literário. A primeira que se volta uma perspectiva formal, que tem como objetivo alcançar a perfeição estrutural, a partir da rigidez da forma, do distanciamento do autor no tratamento dado à realidade, da contenção dos aspectos emocionais e da ênfase na linguagem culta [tradicional]. A segunda, por sua vez, se volta para uma perspectiva oposta à anterior que não se prende, exclusivamente, à forma, mas é construída por meio de aspectos subjetivos, evidenciando, assim, um forte viés psicológico. Todos esses elementos refletem a aproximação dessas escolas literárias antagônicas e, sobretudo, a dualidade na escrita da autora em tela, tanto do ponto de vista temático, quanto estilístico.

Nessa conjectura, percebe-se que Francisca Julia trabalha em uma perspectiva de junção de fatores, o que pode demonstrar o fato que as escolas, em geral, tentam romper com aspectos provenientes/ oriundos de vertentes literárias a elas, mas não conseguem romper totalmente. Isso pode ser percebido na escrita dessa autora, na medida em que estando filiada/ vinculada à corrente Parnasiana [que se opunha veemente ao Romantismo], ela adere a alguns aspectos da vertente Romântica.

LITERATURA E LINGUÍSTICA: A ARTICULAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM, TEXTO, LEITURA E O TRATAMENTO DADO AO TEXTO LITERÁRIO

Para muitos autores, a junção entre a Linguística e a Literatura é abordada em uma postura dicotômica, extinguindo, assim, a possibilidade de um trabalho conjunto entre essas áreas de estudo. Contudo, uma ampla quantidade de autores se mobilizam em face do propósito de desconstruir essa visão. Ao realizar essa faceta, esses autores mostram como os diversos pressupostos dos Estudos das Ciências da Linguagem e das suas subáreas refletem-se não só na composição do texto literário, isto é, como

o autor lança mão dos aportes trazidos pela Linguística na distribuição dos signos/símbolos na superfície textual. Mas, sobretudo, eles mostram como os postulados linguísticos se repercutem no tratamento dado ao texto, ou seja, no ato da leitura.

Ao fazer uma breve retrospectiva histórica, sob a ótica do Estudos Linguísticos, sobre o ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Brasil, surgem como fatores norteadores as Concepções de Linguagem, Texto e Leitura. Cada uma dessas concepções preconiza um tipo de abordagem e tratamento aplicado ao texto literário, dividindo-se em duas vertentes antagônicas. Uma que desconsidera os fatores linguístico-discursivos [internos do texto literário] e o campo social, mais especificamente, como este se reflete na escrita literária. Outra que trabalha em uma perspectiva de junção de fatores, englobando, assim, os recursos linguístico-discursivos [intratextuais] e a dimensão social na composição temática e estilística do texto literário.

A primeira é a Concepção de Linguagem como Representação do Pensamento [ou Mentalista, conceituação esta trazida por Travaglia (1997)]. Essa concepção está diretamente vinculada aos pressupostos teóricos da Gramática Tradicional. Soares (1998) sinaliza o fato de tal concepção ter orientado o ensino de Língua Portuguesa e Literatura, no Brasil, até os anos 50. Com base nos alicerces teóricos dessa concepção, o tratamento dado ao texto literário gira em torno da escrita do autor que era concebida como modelo/ padrão linguístico de prestígio social (SOARES, 1998; BEZERRA, 2010). Diante dessa perspectiva, no universo escolar, ocorria a imitação da escrita e do vocabulário dos autores do texto literário. Mas, destaca-se, sobretudo, o fato de a Concepção de Linguagem Mentalista preconizar um tratamento dado ao texto literário que foca na abordagem gramatical, mais especificamente, nos compêndios canônicos ditados pela Gramática Normativa. Tal postura alça o texto à condição de “conjunto de elementos gramaticais”, por meio da qual o texto literário servia de base para o desenvolvimento ou realização de “atividades gramaticais, analisando, para isso, a língua enquanto conjunto de classes gramaticais, frases e orações” (KLEIMAN, 2008, p. 17). Com base nessas constatações, o texto literário era usado como suporte didático [pretexto] para análise e classificação gramatical, voltando-se, assim, para um ensino prescritivo. Com base nesses pressupostos, a escrita literária consistia em um ato de expressão de ideias, que deveriam ser captadas pelo leitor do texto literário (KOCH; ELIAS, 2006).

O texto é visto como um produto lógico do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor se não “captar” essa representação mental, juntamente, com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel passivo. A leitura, assim, é entendida como a atividade de captação de ideias do autor. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 10).

Esse posicionamento em face do texto literário é o que Koch e Elias (2006) conceituam como *Foco no Autor*, por meio da qual a leitura é alçada à condição de “atividade de captação de ideias do autor. O foco da atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão somente ao leitor captar

essas intenções” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 10). Porém, esse não era o único uso que se fazia do texto literário. Destaca-se, ainda, nesta Concepção Mentalista o fato de a leitura do texto literário centrar-se em padrões fonético-fonológicos. Dito de outra forma, uma leitura volta para a oralidade, ou melhor, para a representação gráfica e sonora correta [grafia e pronúncia], centrando-se, assim, nos aspectos e fatores entoacionais. Acerca dessa prática, Santos (2002, p. 1) diz que,

Para a escola e, ler quase sempre significou apenas conhecer e reproduzir as relações entre som e grafia. Desta forma, a ênfase sempre foi dada na mecânica da leitura e a grande preocupação dos professores se traduzia na cobrança por uma leitura “correta” esboçada por meio da “pronúncia correta”, leitura de todas as palavras do texto (não aceitando sinônimos ou omissão de palavras) e boa entonação.

Todos esses usos que fazia do texto literário extinguiam não só a dimensão textual-discursiva do texto literário representada por seus aspectos e recursos linguísticos internos [intratextuais], mas também o campo social que reflete os aspectos externos [extratextuais] da composição literária. Em outras palavras, esquecia-se, assim, não só dos movimentos linguístico-discursivos realizados no corpo textual, mas, principalmente, da dimensão social que é empregada durante o ato da composição do texto literário. Dimensão esta que marca e permeia a superfície textual.

A segunda é a Concepção como Instrumento de Comunicação [ou Comunicacional, classificação levantada por Travaglia (1997)]. Essa concepção está diretamente ligada aos postulados do Estruturalismo e aos pressupostos da Teoria da Comunicação. Soares (1998) e Bezerra (2010) sinalizam o fato de essa concepção eclodir em meados dos anos 60, firmando-se nos anos 70. Tendo como base os aportes dessa concepção, o tratamento dado ao texto literário ampara-se em uma concepção de leitura enquanto decodificação, isto é, a representação de signos, símbolos, grafemas e morfemas, conforme ressalta Santos (2002) e (2007). Diante disso, a abordagem textual literária, no âmbito escolar, foca na identificação da mensagem e nos elementos comunicativos expostos no corpo do texto literário.

Essa prática seria o que Koch e Elias (2006) classificam como *Foco no Texto*, por meio da qual é atribuído à leitura o papel de “atividade de que exige do leitor o foco no texto, cabendo-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e das estruturas do texto” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 10). Prática esta que Kleiman (2008, p. 18) conceitua como “o texto como repositório de mensagens e informações”.

O texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código linguístico utilizado. Consequentemente, a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 10).

Prima-se, assim, a mensagem do autor, deixando de lado os diversos movimentos discursivos realizados no corpo textual. Aplicadas ao âmbito literário, percebe-

-se que essas duas concepções preconizavam uma leitura e um tratamento dado ao texto literário que não só se desvinculava dos recursos linguísticos e dos aspectos internos do texto literário, mas, em especial, se distanciava da dimensão ideológica e social aplicadas ao texto.

A terceira é a Concepção de Linguagem como Recurso de Interação Social [ou Interacional ou Dialógica, denominação esta sustentada por Koch e Elias (2006 e 2009)]. Essa concepção surge nos anos 80 em face dos Estudos das Ciências Linguagem, mais especificamente, dos postulados das suas subareas, tais como: os da Corrente Funcionalista, da Linguística de Texto, da Análise do Discurso, da Sociolinguística, da Pragmática etc. (BEZERRA, 2010). Dentre essas vertentes da Linguística, destaca-se, os pressupostos da Linguística de Texto [ou Ciência do Texto e do Discurso, conforme conceitua Beaugrande (1997 *apud* Koch (2002) e Santos (2007)]. Para Koch (2002), a Linguística Textual traz à tona pressupostos teóricos que focalizam as mais diversas atividades linguístico-discursivas realizadas não só na produção, mas também na leitura e compreensão textual. É nesse cenário que eclode uma nova concepção de leitura enquanto atribuição/ elaboração de sentido e construção de significados. O que está em consonância com Koch e Elias (2006, p. 11),

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Sob essa nova perspectiva, surge um novo tratamento aplicado ao texto literário. Foca-se, assim, nos recursos linguísticos utilizados pelo autor na produção do texto e pelo leitor durante o ato da leitura do texto literário. Mas, sobretudo, prima-se pela abordagem e tratamento dado a esse texto enquanto construção linguística e social, o que evidencia o objeto artístico enquanto reflexo da realidade. Tal postura faz com que o homem olhe para a produção literária de forma/ maneira diferenciada, atentando, assim, para a relevância da produção do texto literário para a história literária e cultural brasileira. O que vai ao encontro de Suassuna *et al.* (2006, p. 230-231),

Para cultivar os autores clássicos da literatura, é preciso levar o aluno a aprender o significado sócio-histórico-cultural das suas obras, a linguagem por eles utilizadas, a intertextualidade neles presentes. A palavra seria encarada, então, como matéria prima do escritor, que se utiliza dela para reescrever, através da linguagem, o real captado sob um certo ponto de vista social.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que, ao aplicar os pressupostos da Linguística no tratamento dado ao texto literário, volta-se a atenção/olhar para esse texto sob outro prisma, que articula o viés linguístico e social, na medida o texto consiste em uma transcrição linguística a partir da ação do autor que leva para o

campo literário os mais diversos aspectos do universo social no qual está inserido. O que põe em xeque paradigmas postos anteriormente que são pautados em perspectiva dicotômicas para esses campos de estudos. Esse posicionamento remete à perspectiva adota por Beaugrande (1997 *apud* Santos, 2007, p. 787),

O texto não pode ser mais interpretado apenas como a unidade que ocupa, na hierarquia do sistema linguístico, o grau superior à oração nem se pode mais tomá-lo como uma seqüência bem formada de orações. Antes, os textos resultam do cruzamento de diferentes matrizes: linguísticas (capacidades cognitivas), tecnológicas (condições mecânicas) e históricas (contexto sociopolítico).

FRANCISCA JULIA E O ESQUECIMENTO: ECOS DO MODERNISMO

Diante do estudo das contribuições da autora em questão [ainda que seu quantitativo de obras seja pequeno], surge uma indagação. Por qual motivo uma autora tão elogiada [em alguns casos, por autores que compõem a literatura canônica da escola parnasiana, conforme trechos das falas proferidas pelos autores abaixo], chegando até a receber homenagens póstumas, não é abordada na maior parte dos Livros Didáticos de Literatura, como também é objeto de estudo e investigação de uma pequena quantidade pesquisadores? Essa afirmativa surge a partir de uma pesquisa realizada em sites de busca, tais como, Google, Alta Vista etc..

Nesses sites, em geral, consta um grande quantitativo de poemas da autora em tela. Contudo, há uma pequena diversidade de produções acadêmicas que voltam seu olhar para essa autora tão aclamada em sua época. Dito de outra maneira, há uma pequena diversidade de obras que se voltam a abordar sua história cronológica. Porém, poucas se dedicam a um estudo aprofundado acerca de sua produção temático-estilístico e, acima de tudo, acerca da perspectiva de esquecimento a que foi alçada tal autora [objeto de estudo deste tópico]. Com isso, deixa-se de lado uma grande diversidade de autores e, sobretudo, elementos extremamente relevantes da história sócio-cultural da literatura.

Em Francisca Júlia supreendeu-me o respeito da língua portuguesa, — não que ela transporte para a sua estrofe brasileira a dura construção clássica: mas a língua doce de Camões, trabalhada pela pena dessa meridional, — que traz para a arte escrita todas as suas delicadezas de mulher, toda a sua faceirice de moça, nada perde da sua pureza fidalga de linhas. O português de Francisca Júlia é o mesmo antigo português, remoçado por um banho maravilhoso de novidade e frescura. **(Olavo Bilac).**

Nem aqui, nem no sul nem no norte, onde agora floresce uma escola literária, encontro um nome que se possa opor ao de Francisca Júlia. Todos lhe são positivamente inferiores

no estro, na composição e fatura do verso, nenhum possui em tal grau o talento de reproduzir as belezas clássicas com essa fria severidade de forma e de epítetos que Herédia e Leconde deram o exemplo na literatura francesa. **(João Ribeiro).**

Nenhuma pena manejada por mão feminina, seja qual for o período que remontemos, jamais esculpiu, em nossa língua, versos que atinjam a perfeição sem par e a beleza estonteante dos concebidos pelo raro gênio da peregrina artista. **(Aristeu Seixas).**

Leandro e Joanilho (2006) abordam, em uma perspectiva geral, o fato de inúmeros autores prestigiados intelectualmente, em sua época, mas que, após sua morte foram alçados ao ostracismo. Os estudos literários, em geral, têm como foco os grandes autores das escolas literárias [representantes mais célebres, eminentes e renomados], deixando de lado, autores concebidos como minoritários. É nesse contexto que surgem dois grupos que se contrapõem. No dizer Leandro Joanilho (2006, p. 1084), “foram classificados em grupos distintos: os que permaneceram imortalizados por suas obras, e os que “despontaram para o anonimato”, ou, “autores-poetas” que foram esquecidos e não entraram para os cânones literários”. Partindo desse pressuposto, a produção literária brasileira poderia ser classificada em duas vertentes. A primeira engloba os autores eternizados, sendo, assim, imortalizados em face de suas produções. A segunda abrange os que foram alçados à condição minoritária e, em virtude disso, foram conduzidos à condição de esquecidos nas páginas da trajetória histórico-social da Literatura Brasileira (LEANDRO; JOANILHO, 2006).

As antologias literárias brasileiras e os livros didático-literários em sua maioria se propõem a estudar apenas períodos de “glamour” da Literatura, dos quais poetas como Álvares de Azevedo, Rui Barbosa e Machado de Assis fazem parte, ou seja, excluem uma boa parcela de produção literária, deixando historicamente um grande vazio, como se, entre Álvares de Azevedo e Machado de Assis, por exemplo, fosse um período infértil, com ausência de produções literárias. Por esse motivo criou-se uma distância entre esse período de “glamour” e o período de esquecimento. Os grandes autores destacaram-se no cenário paulista e ganharam o país, outros, ficaram restritos aos saraus e com encontros em casarões da época. (LEANDRO; JOANILHO, 2006, p. 1086).

Em virtude de gozarem de maior prestígio social nas escolas literária em que se enquadram, diversos autores foram eternizados nas páginas literárias brasileiras. Por outro lado, outros foram alçados ao esquecimento. Isso, em termos de pesquisas acadêmicas e de manuais didáticos escolares. Em muitos casos, os Livros Didáticos de Literatura se voltam para a abordagem dos autores canônicos, em detrimento de uma gama de outros autores que contribuíram substancialmente para a evolução

histórico-social da Literatura Brasileira. Dentre esses autores, está Francisca Julia. Uma autora que fora aclamada, reconhecida, inclusive, por autores como compõem a tríade canônica do Parnasianismo, isto é, que compunham os escritores mais prestigiados dessa escola literária.

Um dos poucos autores que se debruça sobre a temática da produção literária de Francisca Julia, Ramos (2011) atribui esse esquecimento aos pressupostos trazidos pelo Modernismo. Para esse autor, os ideais veiculados pela Semana de 1922 que não só põem em xeque diversos pressupostos da corrente Parnasiana, mas também estimula o desinteresse por parte da crítica literária e, sobretudo, estimula o desinteresse dos autores de manuais didáticos na abordagem de diversos aspectos relativos à vertente parnasiana. O que, por sua vez, extingue a abordagem da construção social da produção literária brasileira, como, por exemplo, a trajetória da autora em foco. Nessa ótica, essa postura não surge do nada, mas se dá em função dos pressupostos da escola moderna, conforme as palavras proferidas por Ramos (2011, p. 1),

Uma das maiores responsabilidades pelo esquecimento de tão perfeita e importante obra como a de Francisca Júlia é o que, ousadamente e correndo o risco de ser grosseiro, eu chamaria de: "O ai dos vencidos". Com a revolução da semana de 1922, patenteia o movimento modernista em constituir-se como novo cânone literário brasileiro. Estética de reação, o modernismo, extremamente panfletário, vitorioso reformulou ou erradicou diversos dos paradigmas que o parnasianismo estabelecera ou perpetuara. Tal fato, a meu ver, originou dois problemas para os estudos literários: a) a crítica literária pouco se dedica ao tema; fazendo-o, revela (quase sempre) pouca profundidade em suas análises; b) em decorrência, os autores de livros didáticos reproduzem o desinteresse acadêmico e o preconceito modernista, gerando um público discente que olha para o Parnasianismo já conformado pelo discurso dos modernistas. Estabelece-se aí um círculo vicioso em que parte importante da trajetória literária brasileira é legada ao esquecimento. Esquecimento danoso, porque compromete a amplitude reflexiva sobre o processo literário nacional e deixam nas sombras figuras como Francisca Júlia.

Diante dessa perspectiva, Ramos (2011) atribui à escola Moderna grande parte desse esquecimento que permeia a produção de Francisca Julia. Eclodia, assim, um “espírito de rompimento com as fórmulas do passado” (FARACO; MOURA, 1983, p. 63). Ao aderir aos ideais das tendências dos anos 20, que preconizavam o redimensionamento/ reestruturação das ideias e, em especial, das artes [uma “ruptura com a arte tradicional” (FARACO; MOURA, 1983, p. 63)], muitos autores deixam se lado as produções da vertente parnasiana. Pretendia-se, assim, voltar o olhar literário para o Brasil, na medida em que, em diversas produções brasileiras, ocorria uma estética “copiada” de produções internacionais, sobretudo,

as francesas. Nessa dimensão, ocorre uma quebra de paradigmas, ou também, uma mudança de perspectiva na produção literária, atentando e refletindo acerca da realidade brasileira.

Para atender ao seu desejo de modernizar o Brasil, os artistas rompem com as formas de expressão já gastas, não só produzindo obras com novas técnicas, como também atacando abertamente os artistas do passado, sobretudo, os parnasianos. (FARACO; MOURA, 1983, p. 63).

Partindo dessa aceção, ávidos por novas propostas de condução da produção e composição do texto literário, os adeptos dessa nova corrente rompem com os paradigmas e pressupostos postos anteriormente por outras escolas literárias. Tal postura pode ser evidenciada, acima de tudo, no que concerne à Vertente Parnasiana. Um dos aspectos mais focalizados nessas críticas que eram tecidas por essas novas tendências literárias diz respeito à utilização da linguagem durante o decorrer da composição do texto literário. Em alguns casos propondo a refacção e a reescrita de textos de escolas anteriores, conforme ressaltam Faraco e Moura (1983).

Não se deve imaginar que havia tendências homogêneas: vários pontos de vista por vezes entraram em choque. Mas havia um consenso: todos eram contra a tradição; todos propunham uma nova linguagem para expressar a realidade brasileira. Uma linguagem que fosse nossa e, ao mesmo tempo, universal. (FARACO; MOURA, 1983, p. 64).

Sendo assim, percebe-se que esses novos postulados literários da década de 20 se contrapunham, principalmente, à linguagem culta [canônica e sacralizada] que era estabelecida por pressupostos postos anteriormente. Ou seja, “uma língua que, até certo ponto, sufocava a expressão genuína dos escritores brasileiros” (FARACO; MOURA, 1983, p. 65). Com isso, pretendia-se alcançar “uma língua livre, que permitisse a aproximação maior entre o português literário e a fala coloquial brasileira” (FARACO; MOURA, 1983, p. 65). Surge, assim, uma alteração de paradigmas e mudança de perspectiva na composição do texto literário. É nesse cenário que se dá a oposição ao Parnasianismo e, conseqüentemente, à produção dos autores adeptos dessa corrente literária. Dito de outra maneira, em face de grande parte da obra de Francisca Julia compor essa tradição proveniente da escola parnasiana a que se contrapunham os adeptos do Modernismo, sua produção é atingida por esse preconceito, o que, conseqüentemente, contribui, de certa forma, para o esquecimento das contribuições dessa autora (RAMOS, 2011).

METODOLOGIA

Conforme mencionado anteriormente, este texto tem como objetivo transcender a perspectiva que norteia a maior parte das obras publicadas sobre Francisca Julia, nas quais ocorre uma tradicional ênfase dada à história cronológica dessa autora. Em consequência disso, deixa-se de lado não só a reflexão acerca das ca-

racterísticas temático-estilísticas e literárias de sua obra, mas, sobretudo, esquece-se de abordar o motivo pelo qual ela foi alçada à condição de capítulo esquecido nos Livros Didáticos de Literatura. Chegando, muitas vezes, a não ser abordada ou, então, sua abordagem restringe-se a pequenos comentários na parte do capítulos que menciona *Outros Autores* da Escola Parnasiana. O que, por conseguinte, elenca à Francisca Julia o papel de autor minoritário, já que apresenta-se primeiramente os autores canônicos da vertente parnasiana e, em seguida, os *Outros Autores*. Categoria na qual ela está inserida

Para tanto, foi realizado, primeiramente, explanação das características temático-estilísticas e composicionais de ambas as escolas. Em seguida, a abordagem dos aspectos relativos ao tema e às características estruturais dos textos dessa autora. E, após isso, a análise de alguns poemas da autora em foco, a fim de identificar/perceber os reflexos oriundos dessas duas vertentes literárias. Por último, o trabalho focou na questão do esquecimento dessa autora renomada, em sua época, mas que foi alçada à condição de página esquecida na história da Literatura Brasileira. O que, por sua vez, contribuiu de forma significativa para que esta fosse arredada/erradicada dos estudos literários e, por conseguinte, dos Livros Didáticos de Literatura e da metodologia de ensino dessa disciplina [na maior parte das vezes].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de ser mais um relato acerca da história cronológica da vida de Francisca Julia da Silva, este texto objetivou ir além disso. Em função disso, focou na versatilidade, ou melhor, na perspectiva de junção de fatores adotada por essa autora, desconstruindo, assim, a visão de que duas escolas literárias trabalham sempre contrapondo-se. O que evidencia o fato de as vertentes literárias, apesar de se opor a alguns pressupostos das escolas anteriores, há articulam autores que articulam características concernentes à temática e ao estilo. Não se pode deixar de sinalizar que a composição do texto literário muda em relação às correntes literárias. No entanto, essas mudanças e alterações que ocorrem na escrita literária não podem ser encaradas e percebidas como melhora, mas como evolução. Primou-se, assim, pela abordagem da reflexão acerca das contribuições dessa autora em face da evolução da trajetória histórico-social da literatura brasileira.

Sendo assim, percebe-se, diante dos estudos realizados e dos aspectos abordados neste trabalhos, que é inegável a contribuição da produção literária de Francisca Julia para a evolução da trajetória histórico-social da Literatura Brasileira. Isso não só do ponto de vista temático-estilístico, mas, sobretudo, do ponto de vista na alteração da função e do papel social da mulher no que tange à composição do texto literário. A obra de Francisca Julia representa um salto nas condições sócio-históricas da mulher, na medida em que ocorre uma quebra de paradigmas na função social da mulher, ainda que incipiente. Mas que se intensificou, continuamente, ao longo dos anos. Em outras palavras, a obra dessa autora reflete a

contribuição feminina no campo literário, o que propicia a inserção da mulher no âmbito literário.

Apesar de ter caído no esquecimento em função de diversos fatores, assim como outros autores e autoras, é de fundamental importância que seu legado cultural seja estudado e, acima de tudo, divulgado. A partir desse ato, é possível contemplar o as mais diversas formas que o homem [espécie masculina e, em especial, a feminina] agem na construção social da Literatura no Brasil. Nesse sentido, não se pode apagar dos postulados literários brasileiros as relevantes contribuições dessa autora, alçando, assim, seu legado cultural e literário a um capítulo esquecido da Literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernando Teixeira de. *Literatura I*. São Paulo: Centro de Recursos Educacionais, 1987. (Coleção Objetivo. Sistema de Métodos de Aprendizagem).

BARBOSA, Maria Lucia Ferreira Figueiredo; SOUZA, Ivane Pedrosa. *Práticas de leitura no Ensino Fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BEAUGRAND, Robert de. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, N.J., Ablex, 1997. In: SANTOS, Carmi Ferraz. *Letramento e ensino de História: os gêneros textuais no livro didático de História*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4. *Anais...* Tubarão, SC: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007.

BENTES, Anna Christina. *Linguagem: práticas de leitura e escrita*. São Paulo: Global - Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.

BEZERRA, Maria Auxiliadora *Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. *Textos: seleção variada e atual*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel (Orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

_____. *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)*. 8. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997. 2 v.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CHRISTO, Alzira Fabiana. *A ambivalência do gaúcho-judeu em O centauro no jardim*, de Moacyr Seliar. *Revista Trama*, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/204>>. Acesso em: 1º out. 2011.

COELHO, Gisely Valentim Vaz. *A revisão do papel feminino na educação e cultura dos anos 1930 e 1940: um estudo de caso do vespertino paulistano A Gazeta*. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA MÍDIA DO SUDESTE, 1., 2010. *Anais...* Disponível em: <<http://www>

- mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/Eventos/I_Congresso_de_Historia_da_Midia_do_Sudeste29-04.pdf#page=124>. Acesso em: 29 set. 2011.
- COELHO, Célia Tamara.; CORRÊA, Regina; Massambani, Ana Paula de Lima. Ângelus: influências simbolistas na obra de Francisca Julia. In: VII SEPECH - Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 7., Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina, 2008. *Anais...* Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais/AnaPLMassambaniCeliaTCoelho.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2011.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: São José, 1966.
- FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. *Língua e Literatura*. São Paulo: Ática, 1983. v. 3.
- FAVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística textual: uma introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- FERES, Beatriz dos Santos. Estratégias de leitura, compreensão e interpretação de textos na escola. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 1. *Anais...* Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2002. p. 115-115. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno06-08.html>>. Acesso em: 25 set. 2011.
- FONSECA, Fernanda Irene; FONSECA, Joaquim. *Pragmática Linguística e Ensino de Português*. Coimbra: Almedina, 1977.
- FORTES, Roberto. Francisca Júlia, a "Musa Impassível". *Site Lusó Poemas Net*, 2008. Disponível em: <http://www.luso-poemas.net/modules/newbb/viewtopic.php?topic_id=1110>. Acesso em: 3 out. 2011.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.
- GUERELLUS, Natália de Santana. Resenha de ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entres séculos (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. *Revista Vernáculo*, v. 14-16, p. 160-164, 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/vernaculo/article/viewFile/17442/11445>>. Acesso em: 29 set. 2011.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Os segredos da leitura e da redação. *Língua Portuguesa*, v. 23, p. 52-56, 2007.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *O texto e A Construção do Sentido*. Campinas, SP: Contexto, 1997.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria & prática*. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- LÔBO, Danilo Pinto. Francisca Júlia: entre o pincel e a pena. *Revista Travessia*, v. 23, p. 210-225, 1991. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/articulo/.../17174/15742>. Acesso em: 5 out. 2011.
- LEANDRO, Karen; JOANILHO, André Luís. Letras dos poetas esquecidos: a boemia literária na *belle époque* paulistana. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 7. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/>>

letras_dos_poetas_esquecidos_a_boemia_literaria_na_belle_epoque_paulistana.pdf>. Acesso em: 28 out. 2011.

MOISÉS, Massaud. O Simbolismo (1893-1902). São Paulo: Cultrix, 1969. In: COÊLHO, Célia Tamara; CORRÊA, Regina; Massambani, Ana Paula de Lima. Ângelus: influências simbolistas na obra de Francisca Júlia. SEPECH - SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 7. *Anais...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2008.

MURICY, Andrade. “Francisca Júlia”, em *O Suave convívio: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922.

PEREIRA, Lucia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

PRADA, Cecília. Vozes silenciadas: a sofrida participação feminina no mundo das letras. *Revista Problemas Brasileiros*, n. 362, mar./abr. 2004. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=182&Artigo_ID=2754&IDCategoria=2798&reftype=1&BreadCrumb=1>. Acesso em: 2 out. 2011.

RAMOS, João Antonio. Academia dos esquecidos: a musa impassível. *Revista Digital Língua Portuguesa* (Uol), 2011. Disponível em: <<http://conhecimentopratico.uol.com.br/linguapor-tuguesa/gramatica-ortografia/27/artigo206904-2.asp>>. Acesso em: 22 set. 2011.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Introdução em Francisca Júlia*. Poesias. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1961.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/fibra/bib/romero_historia.pdf>. Acesso em: 5 out. 2011.

SANTOS, Carmi Ferraz. O ensino da leitura e a formação em serviço do professor. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, ano 3, v. 05, p. 29-34, jan./jun. 2002. Disponível em:

<<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=view&path%5B%5D=95>>. Acesso em: 12 out. 2011.

_____. Letramento e ensino de História: os gêneros textuais no livro didático de História. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4. *Anais...* Tubarão, SC: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/33.pdf>. Acesso em: 12 out. 2011.

SOARES, Magda. Concepções de linguagem e o ensino de Língua Portuguesa. In: BASTOS, Neuza (Org.). *História, perspectivas, ensino*. São Paulo: EDUC, 1998.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1 e 2 grau*. São Paulo: Cortez, 1997.

SUASSUNA, Lúvia; MELO, Iran Ferreira de; COELHO, Wanderley Elias. Projeto didático como espaço de articulação entre leitura, literatura, produção de texto e estudo gramatical. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Marcia (Orgs.). *Formação do professor de Ensino Médio: desafios e perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Parábola, 2006.

VALARINI, Sharlene Davantel. A recepção de “a um grande homem”, de Olavo Bilac, e “so-nho africano”, de Francisca Júlia, por alunos de uma 8ª série: em busca de leituras parnasianas. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS – CELLI, Maringá, PR, 2009. p. 957-964. *Anais...* Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/101.pdf>. Acesso em: 2 out. 2011.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. As mulheres na academia. *Revista Brasileira*, ano XIII, n. 49, out./nov./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/RB%20-%2049%20-%20CULTO.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2011.

VERÍSSIMO, José Dias de Matos. *História da Literatura Brasileira*. Engenho Novo, RJ: Fundação Biblioteca Nacional, 1915. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/histlitbras.pdf>. Acesso em: 5 out. 2011.